

## **Os métodos de ensino na cibercultura<sup>1</sup>**

**Gabriel Ferreira de Matos<sup>2</sup>**

**Mariana Ferreira Bicalho<sup>3</sup>**

**Luciana Cristina de Souza<sup>4</sup>**

**Faculdade de Direito Milton Campos**

### **Resumo**

A sociedade sofreu diversas modificações desde do surgimento da Internet. Essas mudanças afetaram aspectos do convívio social, entre eles a educação e os métodos de ensino. Por meio de novas tecnologias o corpo social convergiu para integração de seres humanos e seus conhecimentos. Diante deste quadro, as metodologias de educação tradicionais se tornaram ultrapassadas, sendo necessário viabilizar novos meios que não permitam diferenciar os emissores e receptores, direcionando as salas de aula para o debate, co-criação, questionamento e interação em conjunto com a rede.

**Palavras - chave:** Cibercultura; Educação *on line*; Informação; Internet; Professor

### **1 Introdução**

No início de 2014, o Centro de Tecnologia de Informação Aplicada da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV-EAESP) realizou uma pesquisa sobre ambientes digitais no Brasil cujos resultados mostraram que existem 136 milhões de computadores em uso no Brasil, entre corporativos e domésticos, sendo 18 milhões *tablets*. Isto é, cerca de dois computadores para cada três habitantes, sendo que o total em uso

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Educação e cibercultura, do VIII Simpósio Nacional da ABCiber, realizado pelo ESPM Media Lab, nos dias 03, 04 e 05 de dezembro de 2014, na ESPM, SP.

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Direito da Faculdade Milton Campos. Bolsista de Iniciação Científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG).

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Direito da Faculdade Milton Campos. Bolsista de Iniciação Científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG).

<sup>4</sup> Coordenadora do Grupo de Pesquisa Direito e Sociedade Digital da Faculdade Milton Campos. Doutora em Direito. Mestre em Sociologia. Pesquisadora do CNPq. Advogada.

vêm dobrando a cada quatro anos, desde 2000. Os números do levantamento atual são espantosos, estima-se a venda de 24,8 milhões de unidades neste ano, contabilizando uma unidade por segundo. Além disso, a densidade de telefones no Brasil ultrapassou a dos Estados Unidos, atingindo a marca de três para cada dois habitantes.

É indiscutível que vivemos em uma sociedade predominantemente conectada e, que, dentro desta era digital, diversos efeitos surgem, impactam e modificam os aspectos da vida em sociedade. Porém, pelo curto lapso temporal que conectou bilhões de seres humanos e pelo fato de não ter existido nenhuma outra era similar na história da humanidade, a própria comunidade não se encontra adaptada para aproveitar ao máximo os benefícios e recursos provenientes da *Cibercultura*, modo de produção de conhecimento e de interação social pautado em comunidades virtuais interconectadas. O abismo entre a sociedade digital e os mecanismos tradicionais e remotos que permanecem, atingem vários aspectos do convívio social, entre eles a educação. Segundo Pierre Lévy:

Presidindo aos tipos de interação entre indivíduos, as “regras do jogo” social modelam a inteligência coletiva das comunidades humanas assim como as aptidões cognitivas das pessoas que nelas participam. Cada indivíduo humano possui um cérebro particular, que se desenvolveu, grosso modo, sobre o mesmo modelo que o dos outros membros da sua espécie. Pela biologia, nossas inteligências são individuais e semelhantes (embora não idênticas). Pela cultura, em troca, nossa inteligência é altamente variável e coletiva. Com efeito, a dimensão social da inteligência está intimamente ligada às linguagens, às técnicas e às instituições, notoriamente diferentes conforme os lugares e as épocas. (LÉVY, 2003, p. 98)

As tecnologias e suas mudanças em sistemas de comunicação, de escrita e de registro de informações estabelecem e modelam a inteligência de uma comunidade, assim como repercutem nas formas de organização econômicas e políticas. De acordo com o autor canadense Marshall McLuhan, “todo meio ou tecnologia cria um ambiente de serviços”, por exemplo, o advento dos automóveis gerou a necessidade de postos de gasolinas, rodovias, etc. (MCLUHAN *apud* PEREIRA, 2004, p. 9). Assim, diante da explosão de conhecimento e tecnologias, cabe também verificar: quais são as possibilidades de inovação quanto aos métodos educacionais; como as novas aptidões cognitivas se desenvolvem na aprendizagem por este novo meio de interação e assimilação de conhecimento; de que modo as pessoas poderão se adaptar ao meio ambiente em que vivem diante da reorganização rápida e irreversível provocada pela internet.

Deste modo, os cidadãos estão interligados, seja nos *chats*, nas conferências eletrônicas, nos trabalhos cooperativos ou nas pesquisas virtuais, criando um novo espaço de convivência social e de construção de conhecimento. É resultado desta integração uma comunicação instantânea e em grande escala.

Enquanto nas salas de aula do Brasil, os professores assumem uma postura de emissor único e seus alunos receptores passivos, na educação a distância quando ministrada com qualidade prevalece a relação entre sujeitos autônomos, o que cada vez mais, ocasiona o desinteresse e a não adaptação de alunos pelo modelo de ensino tradicional, pois navegam com liberdade e interatividade no ensino via internet. Sobre esta premissa, Pierre Lévy, aborda os meios de comunicação clássicos e no ciberespaço:

Como se sabe, os meios de comunicação clássicos (relacionamento um-todos) instauram uma separação nítida entre centros emissores e receptores passivos isolados uns dos outros. As mensagens difundidas pelo centro realizam uma forma grosseira de unificação cognitiva do coletivo ao instaurarem um contexto comum. Todavia, esse contexto é imposto, potencialmente, não resulta da atividade dos participantes no dispositivo, não pode ser negociada transversalmente entre os receptores. O telefone (relacionamento um-um) autoriza uma comunicação recíproca, mas não permite visão global do que se passa no conjunto da rede nem a construção de um contexto comum. No ciberespaço, em troca, cada um é potencialmente emissor e receptor num espaço qualitativamente diferenciado, não fixo, disposto pelos participantes, explorável. Aqui, não é principalmente por seu nome, sua posição geográfica ou social que as pessoas se encontram, mas segundo centros de interesses, numa paisagem comum no sentido ou do saber. (LÉVY, 2003, p. 113)

Este corpo social global, que dispõe de senso crítico e vasto conhecimento, impõe aos educadores inovar em seus métodos por meio da integração e cooperação, induzindo as inteligências a se multiplicarem uma através da outra, com uma troca mútua e contínua entre os polos da comunicação. Deste modo, com valorização recíproca das capacidades mentais e a extinção de uma hierarquia entre professor e aluno, há a educação digital, na qual as instituições educacionais têm a oportunidade de ensinar a pensar e discutir por outros meios, acessíveis de modo síncrono, como as salas de aula tradicionais, e assíncrono, porque o aluno pode acessar vídeos e textos a qualquer momento e de onde estiver. Esta nova dinâmica de estudos produz um aprendizado contínuo e crescente.

## **2 Aprendizagem colaborativa**

Inegável afirmar que a sociedade do conhecimento não comporta mais os tradicionais métodos de educação usados de modo exclusivo. Os novos alunos estão em busca de institutos inovadores e meios de conhecimento que equiparam a sua era, não aceitando a remota “educação bancária” criticada por Freire (FREIRE *apud* AZEVEDO, 2011, p. 62). Importante salientar, que não estamos tratando do aparelhamento com computadores e tecnologias 3D, o que apesar de importante, seria apenas uma modernização do velho modelo de transmissão. Estamos abordando recursos para intervenção dos conteúdos, co-criação e aprendizagem colaborativa.

Para isso, é necessário aumentar o campo da interatividade nas salas de aula e o primeiro passo deve ser do próprio educador. Este, como emissor primário da educação, deve oferecer um vasto campo de possibilidades, conduzindo o aluno a pesquisa. Esta investigação nos dias atuais tem à disposição inúmeros meios e pluralidade de conteúdos, efeito da imensidão de informações no espaço cibernético.

Como consequência, o aluno pode ser sujeito ativo do próprio desenvolvimento, orientador por um tutor. Assim, o professor deixa apenas de emitir sua mensagem, pois estas podem ser modificadas por seus alunos, que também possuem inteligência cognitiva e contribuem com sugestões sobre diferentes métodos próprios de pesquisa. Este sistema é o que pode ser observado na Internet. A rede permite comunicação entre os emissores e receptores, cabendo ao usuário decidir o que lhe interessa com autonomia e, sobretudo, direcionando suas escolhas entre as múltiplas conexões, com liberdade de troca e de associações de grupos de seu interesse.

Sobre autonomia, Paulo Freire já afirmava que os conhecimentos individuais devem ser respeitados e que a educação deve superar a relação discricionária existente entre professor e aluno:

O objeto cognoscível de um sujeito é o mediatizador de sujeitos cognoscentes, educador de um lado, educandos, de outro. A educação problematizadora coloca, desde logo, a exigência da superação da contradição educador-educandos. Sem esta, não é possível a relação dialógica, indispensável à cognoscibilidade dos sujeitos cognoscentes, em torno do mesmo objeto cognoscível. (FREIRE, 1978, p. 78 *apud* AZEVEDO, 2011, p. )

A educação problematizadora estabelecido por Freire, ganha subsídios e facilidades na era digital. Com os diversos meios de comunicação e, logo, pesquisa, o aluno não está mais paralisado a ouvir e copiar, mas possui instrumentos para criar, modificar e construir continuamente com os outros, possibilitando uma co-criação. Os professores nas salas de aulas, virtuais e presenciais, devem atuar como criadores de problemas, provocando a exploração de experiências. O simples ditar do antigo professor não é um mecanismo capaz de educar neste tempo, uma vez que o conhecimento básico está disponível para o alcance de todos (RONCA, 1988, p.72).

Cabe aos educadores na era da informação disseminar pensamentos e questionamentos, criando alunos participativos que já aprenderam a conviver com uma explosão de informações e notícias. Para facilitar a interação e a co-criação, base da inteligência coletiva proposta por Pierre Lévy, como já foi dito, será necessário até mesmo uma mudança estrutural das salas de ensino fundamental e universidades. É necessária a comunicação presencial e virtual, com acesso a outros grupos que poderão interagir ao mesmo tempo em que o professor, ocasionando uma unificação entre as salas presenciais e virtuais. Mais do que isso: superando o paradigma educacional de aprendizagem restrita a ambientes formais, como o espaço físico da sala, e de modelos pedagógicos verticais e monológicos, como as aulas expositivas.

Como exemplo, podemos imaginar em uma sala de aula de ensino fundamental, enquanto o professor debate em sala presencial sobre a Segunda Guerra Mundial, os fatos e casos expostos são contemplados com imagens e vídeos reais da época, assim como também, via *Skype*, pode haver interação com alunos de outros institutos ou entrevistas com pessoas relacionadas ao tema, do mesmo país ou até mesmo do exterior.

Outra modalidade de ensino por interação na internet é o uso de aplicativos que permitem aos alunos formarem um grupo de trabalho e escreverem sobre um arquivo-base, enviando e recebendo as alterações feitas pelos demais em tempo real, como ocorre no Google Docs por meio da ferramenta *share*. Neste último exemplo, eles não precisam sequer dividir fisicamente o mesmo espaço, visto que a interação pode ser feita à distância, vencendo barreiras geográficas; também contribui para a assincronia da aprendizagem, já que os integrantes do grupo que não puderem acessar o aplicativo no horário marcado podem acessar o conteúdo da interação depois.

Logo, a interação permitida pela Internet abre um campo de busca e experiências reais pela via virtual e admite ampla liberdade de associação de grupos múltiplos disponíveis na *web*. Os grupos de estudos saem dos colégios e faculdades fisicamente para ganhar proporções planetárias. E para isto, a disponibilidade de diversas redes de compartilhamento de informação em tempo real é essencial. Assim, o emissor atrai o receptor para seu universo complexo e multifacetário.

Neste novo universo, a renovação está sempre presente, rompendo com a idéia de tempo e espaço determinados para se aprender – por isso é uma aprendizagem muito mais assíncrona do que síncrona, pois o aluno organiza o seu horário de estudo e possui autonomia (SÁ, 1998, *passim*). Esta nova sociedade, sem hierarquias, favorece a conectividade, o intercâmbio, a criatividade e a dinâmica em qualquer lugar, hoje e sempre. Com efeito, há quebra de barreiras, preconceitos e tendem a formar uma cultura universal. Cabe ressaltar, que os professores não devem apenas utilizar novas tecnologias, não se trata da substituição do professor pela máquina. O que deve ser feito, é utilizar de maneira proveitosa o potencial dos novos mecanismos estimulando e facilitando aos alunos a compreenderem o conteúdo em prol do seu papel na sociedade.

#### **4 O diálogo no ensino jurídico**

Como exposto, não há fronteiras em relação ao conhecimento na era digital e, sobretudo, é preciso valorizar o diálogo e a troca de informações. Seguindo este aspecto, a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade são metodologias pedagógicas pertinentes, porém não é a realidade dos cursos de direito no país.

De acordo com Silvagner Andrade de Azevedo, o “currículo mínimo” substituiu o originário “currículo único”, instaurado no século XIX. Assim, os cursos foram obrigados a estabelecer um mínimo de disciplinas obrigatórias na composição da estrutura curricular. Com o passar dos anos, houve uma relativa flexibilização dos currículos, inovando nos temas interdisciplinares. Apesar das mudanças na estrutura, segundo Silva (AZEVEDO, 2011, p. 62), temos um “currículo oculto”: “conjunto de atitudes, valores e comportamentos que não fazem

parte explícita do currículo, mas que são implicitamente ensinados através das relações sociais, dos rituais, das práticas e da configuração espacial e temporal da escola”. Desta forma, os atuais currículos herdaram uma tradição dogmática e conservadora, impregnados de “verdades jurídicas”. Além disso, o ensino jurídico também é detentor do método em que o professor apenas transmite seu conhecimento ao aluno por meio da fala e este apenas absorve o que escutou. Não é instaurado o diálogo ou problematização coerentes com a realidade e fundamental para compreender o fenômeno jurídico.

Trata-se de uma reflexão epistemológica e filosófica sobre a importância do diálogo para o ensino jurídico, tendo em vista que o acesso ao mundo ocorre inexoravelmente atrelado a uma tradição (no sentido de entrega, transmissão de referenciais culturais) e intermediado/estruturado pela linguagem. (AZEVEDO, 2011, p. 62)

Desde os primórdios até a era digital, o entendimento humano é baseado no questionamento, em um relacionamento entre o intérprete e aquilo que se interpreta, entre o emissor e receptor, favorecendo o relacionamento íntimo entre os pólos. A não integração entre os doutrinadores/alunos e até mesmos entre juristas, criam interpretações fracionadas o que prejudica a aplicação e finalidade do Direito. A educação deve seguir o mesmo raciocínio, uma vez que “é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da sociedade” (FREIRE *apud* AZEVEDO, 2011, p. 73).

O método de apenas transferir, depositar e transmitir o conhecimento por aqueles que julgam detentores do saber já era criticado por Freire e, agora, tomam proporções ainda maiores na era da informação. Segundo o mesmo autor, “os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE *apud* AZEVEDO, 2011, p. 75), o que atualmente têm sua facilidade pelas múltiplas redes de comunicação e acesso a diversas culturas por pontes virtuais.

Desta forma, é necessário um novo paradigma educacional na prática jurídica, fugindo dos monólogos das aulas expositivas tradicionais. Uma aula de Direito Civil sobre as novas formas de família, por exemplo, aberta ao diálogo e ao debate, com participação dos alunos, não pode conter uma verdade imposta. Além disso, poderia ser acrescida de debates virtuais com outras universidades assim como entrevistas e exposições não apenas de pessoas do meio jurídico, mas com a participação da própria população.

Estruturar um ensino com base em um diálogo, formando cidadãos para a sociedade é um desafio aos cursos de Direito. O que pretende neste artigo é retificar a importância da co-criação e da imprescindibilidade da troca de conhecimento, alinhado com os mecanismos virtuais disponíveis na atualidade. Deste modo:

a partir da idéia que o direito deve servir para solucionar problemas decorrentes das novas relações sociais (que estão cada vez mais complexas), para os quais nem sempre a legislação oferece respostas em suas normas. É que desponta a necessidade de formação de profissionais sensíveis às transformações culturais e novas demandas sociais existentes, ou seja, desde a graduação os profissionais do direito deveriam ser treinados para apresentar um pensamento dialético. (BERNARDES & ROVER, 2010, p. 31)

## **5 Educação *on line***

A educação *on line* é um fenômeno da cibercultura, porém a metodologia precisa ser modificada para se alcança toda a potencialidade da EAD. Os cursos, em sua maioria, utilizam apenas a tecnologia da rede, mas ainda concentram-se na transmissão tradicional, em que o professor dita e os receptores apenas recebem sem interação. As mudanças educacionais devem se desenvolver o mais cedo possível, uma vez que a oferta de informação e conhecimento é cada vez maior e mais chamativas na Internet e principalmente na multimídia interativa, pois as salas de aula tradicionais estarão cada vez mais tediosas para os discentes, que se concentram mais no próprio celular do que na exposição feita pelo professor. Recentemente, pode-se presenciar a apresentação oral das professoras Leticia Carvalho Belchior Emerick Fernandes e Márcia Gorett Ribeiro Grossi durante o IV Seminário Nacional de Educação Profissional e Tecnológica, realizado em setembro último no CEFET de Minas Gerais, as quais escreveram um artigo sobre o uso do telefone celular em sala de aula que em breve deverá ser publicado nos anais do congresso, mostrando como essa reflexão é importante.

De acordo com Garonce e Santos, é preciso fazer um processo completo – técnico e pedagógico – de “transposição midiática” da sala de aula convencional para o modelo digital. Baseados na teoria da transposição didática do autor francês Chevallard sobre pedagogia, que a define “como sendo o trabalho de transformar um conteúdo científico em um objeto a ser ensinado” (GARONCE, 2012, p. 1008), Garonce e Santos afirmam que:

O conceito elaborado por Chevallard (1985) faz referência a uma mudança de natureza epistemológica, relativa ao conhecimento, que antes era científico, ou sábio, e se torna didático, ensinável. No caso da transposição midiática, o conhecimento já estava didatizado e assim permaneceu. A transposição que identificamos não foi epistemológica, mas metodológica. Portanto, podemos considerar a transposição midiática como um fenômeno que se caracteriza por um conjunto de recortes e ajustes, influenciado por fatores humanos e tecnológicos, que foram apresentados, sendo uma transposição de ações educativas da sala de aula presencial convencional para a sala de aula virtual, onde se estabelece a relação presencial conectada, possibilitada pela webconferência. (GARONCE & SANTOS, 2012, p. 1013)

Sem esta adaptação tecnológica de natureza muito mais didático-pedagógica do que técnica e instrumental será perdido o rico potencial de ensino-aprendizagem disponível na internet para interatividade desterritorializada e coletiva de conhecimentos (LÉVY, 1999, p. 92).

John Green, escritor querido do público jovem, está entre os fenômenos de visualizações na Internet e é um exemplo de interatividade que atrai os jovens na atualidade. Em 2012, junto com o Google, criaram curtas com temas educacionais, denominado *Crash Course*. Entre os temas, História Mundial, História Americana e Literatura, Química, Biologia, Ecologia, Psicologia e Ciência das Coisas. São vídeos gravados pelo próprio John Green e seu irmão Hank, disponíveis gratuitamente para quem têm acesso ao *Youtube* (<https://www.youtube.com/user/crashcourse>). Com linguagem informal e de fácil entendimento, os autores não utilizam uma postura hierarquizada de um mero contador de histórias.

Atuam, dinamicamente com o público, atraindo os receptores não apenas pela linguagem, como também pela composição dos vídeos. Estes são formados por imagem dos autores, desenhos interativos e imagens reais da época do acontecimento ou do assunto tratado. Pode considerar um show de conhecimento, com instrumentos midiáticos desenvolvidos e que contagiam quem está assistindo. Outro método de sucesso do programa, é a crítica adotada pelos autores. Eles não apenas ditam a matéria retratada, mas questionam, examinam os acontecimentos e suas consequências na atualidade, ironizam, e desta forma atraem crianças e adolescentes de todo o mundo. No vídeo *World History*, por exemplo, John Green expressou seu pensamento a respeito dos curtas:

I'm not interested in cramming the facts down your throat that will allow you to get a 5 on the AP test, that's not what gets me excited in the morning... the biggest problem with being alive is that you can only see the world out of your eyes, you can only live inside of your skin, your consciousness. You can't effectively imagine what it's like to be someone else. But the study of history allows you to empathize better, it allows you to think more

complexly about others. And that's gonna be useful to you not just on AP tests, but in every single moment of your entire life.

O mesmo não ocorre nos cursos *on line* fornecidos no Brasil. Apesar de ser um fenômeno da cibercultura, a metodologia a distancia fornecido principalmente pelas Universidades, ainda não alcançaram suas potencialidades e não desenvolvem a co-criação e logo a “inteligência coletiva” formulado por Pierre Lévy (LÉVY, 1999, p. 127). Os cursos, em sua maioria, utilizam apenas a tecnologia da rede, mas ainda concentra na transmissão tradicional, em que o professor dita e os receptores apenas recebem sem dialogo.

É importante que os cursos a distância e os presenciais, em conjunto com seus métodos virtuais, desenvolvam a difusão de culturas e idéias, acarretando a democratização da informação entre indivíduos geograficamente distintos. Para isso, os cursos devem disponibilizar acesso ambientes hipertextuais, com permissão a diversos sites e documentos. Assim, com multiplicidade de pensamentos em tempo real, as atividades estimulam os receptores e emissores a construção de conhecimentos por meio de situações problemas.

Estes novos métodos educacionais contam com múltiplas linguagens, canais e temporalidades variadas. Os alunos podem estar conectados aos educadores e outros grupos de estudos, por meio de ambiente virtual de ensino. Há quebra das fronteiras, na busca de uma visão global sobre os temas, a partir da colaboração entre os indivíduos. Desta forma, a educação conduz a transformação social, a partir de uma educação de ensino a distância e métodos ativos eficazes, com bases participativas.

## **6 Conclusão**

A era da informação facilita a autoaprendizagem em decorrência da interação e troca de conhecimentos. Porém, a simples expansão da Internet não necessariamente garante por si só o aprendizado, principalmente pela falta de estímulo. Desta forma, o professor e as instituições de ensino são peças fundamentais para a construção do conhecimento que será produzido e codificado por essa nova geração. Fator importante para arquitetar esses novos métodos de ensino e capitar os novos alunos são modificar as estratégias pedagógicas e modelos de ensino.

Para obter sucesso é necessário unir os pólos emissores e receptores no mesmo patamar, retirando a hierarquia das aulas convencionais. Desta forma, há conexão de alunos geograficamente variados, que buscam a reflexão e cooperação para obter resultados. Portanto, reconfigurando o sistema de ensino, a educação e a era digital estarão aliadas. Assim, todos poderão usufruir dos benefícios das tecnologias em prol de uma sociedade cooperativa, reflexiva e com desenvolvimento científico qualificado. Com efeito, este novo sistema formará cidadãos mais capacitados para a vida em comunidade, com maior difusão de culturas e pensamentos críticos em inúmeras áreas, como política e economia.

## Referências

AZEVEDO, Silvagner Andrade de. Reflexões filosóficas acerca do papel do diálogo no ensino jurídico à luz do pensamento de Hans-Georg Gadamer e Paulo Freire. *In*: FRANCISCHETTO, Gilsilene, Passon P. (Org.). **Um diálogo entre ensino jurídico e pedagogia**. Curitiba: CRV, 2011. p. 61-81.

BELLUZO, Regina Célia Baptista. Competências na era digital: Desafios tangíveis para bibliotecários e educadores. **Educação Temática Digital**, v.6, n.2, p.30-50, jun. 2005. Disponível em [drive:drive/root/Direito Virtual/Educa%C3%A7%C3%A3o e Cibercultura/competenciaeraadigital.pdf](drive:drive/root/Direito%20Virtual/Educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20Cibercultura/competenciaeraadigital.pdf). Acesso em 15 de outubro de 2014.

BERNARDES, Marciele Berger; ROVER, Aires José. Uso das novas tecnologias e comunicação como ferramentas de modernização do ensino jurídico. **Democracia Digital e Governo Eletrônico**, v.1, n.2, p. 1-9, 2010. Disponível em: <http://buscalegis.ufsc.br/revistas/index.php/observatoriodoegov/article/view/33640/32738>. Acesso em 15 de outubro de 2014.

FERNANDES, Leticia Carvalho Belchior Emerick; GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro. **Educação e tecnologia: o telefone celular como recurso de aprendizagem**. IV SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA, GT 02 – Tecnologias e constituição de ambientes de aprendizagem, Apresentação oral, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Resultado da 25ª Pesquisa Anual da FGV-EASPE-CIA 2014**. Disponível em: <http://eaesp.fgvsp.br/sites/eaesp.fgvsp.br/files/pesqti-gvcia2014noticias.pdf>. Acesso em 14 de outubro de 2014.

GREEN, John. **Crash Course**. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/crashcourse>>. Acesso em 22 de setembro de 2014.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 2003.

PEREIRA, Vinícius Andrade. As tecnologias de comunicação como gramáticas: meio, conteúdo e mensagem na obra de Marshall McLuhan. **Revista Contracampo**, n. 10/11, p. 7-20, 2004.

RONCA, Antônio Carlos Caruso; ESCOBAR, Virgínia Ferreira. Levantamento de problemas. *In: \_\_\_\_\_*. **Técnicas pedagógicas: domesticação ou desafio à participação?** 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 72-73.

SÁ, Iranita Maria de Almeida. **Educação a distância: processo contínuo de inclusão social**. Fortaleza: Conselho de Educação do Ceará, 1998. Coleção Vida e Educação, v. 5.

SAMPAIO, Carmen Sanches; FRANCO, Marcelo Araújo. Linguagens, Comunicação e Cibercultura: novas formas de produção do saber. **Revista de informação e tecnologia Unicamp**. Disponível em <http://www.ccuec.unicamp.br/revista/infotec/educacao/educacao5-1.html>. Acesso em 10 de outubro de 2014.

SILVA, Adelina Maria Pereira. Processos de ensino-aprendizagem na Era Digital. **Biblioteca online de ciências da comunicação**. Disponível em [drive:drive/root/Direito Virtual/Educa%C3%A7%C3%A3o e Cibercultura/processosdeensino.pdf](drive:drive/root/Direito%20Virtual/Educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20Cibercultura/processosdeensino.pdf). Acesso em 15 de outubro de 2014.

WERTHEIN, Jorge. A sociedade da informação e seus desafios. **Scientific Electronic Library Online**. Disponível em [drive:drive/root/Direito Virtual/Educa%C3%A7%C3%A3o e Cibercultura/sociedadedainformacao.pdf](drive:drive/root/Direito%20Virtual/Educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20Cibercultura/sociedadedainformacao.pdf). Acesso em 14 de outubro de 2014.